

MÃE, MATERNO MAR E O REINO DESTE MUNDO

Jurema Oliveira¹

RESUMO: O objetivo desse estudo é estabelecer um diálogo entre o realismo maravilhoso presente na narrativa *Mãe, materno mar* (2001), de Boaventura Cardoso, e *O reino deste mundo* (2009), de Alejo Carpentier. Procuraremos abordar a temática do real maravilhoso nas duas obras, depreendendo aspectos ritualísticos em torno da religiosidade e da morte, que em ambas as obras estão presentes.

Palavras-chave: realismo maravilhoso; religiosidade; morte.

Mãe, materno mar and O reino deste mundo

ABSTRACT: The objective of this study is to provide a dialogue between the magic realism in *Mãe, materno mar* (2001), by Boaventura Cardoso, and *O reino deste mundo* (2009), by Alejo Carpentier. We will try to deal with the magic realism in both works, focusing on the ritualistic aspect around religiosity and death, present in both of them.

Keywords: magic realism; religiosity; death.

O objetivo desse estudo é estabelecer um diálogo entre o realismo maravilhoso presente na narrativa *Mãe, materno mar* (2001), de Boaventura Cardoso, e *O reino deste mundo* (2009), de Alejo Carpentier. Procuraremos abordar a temática do real maravilhoso nas duas obras, depreendendo aspectos ritualísticos em torno da religiosidade e da morte, que em ambas as obras estão presentes.

O personagem Tio Noel, da obra *O reino deste mundo*, constitui-se num símbolo do õreal maravilhoso americanoö:

¹ Professora Pós-Doutora pela Universidade Federal Fluminense e Professora da Universidade Federal do Espírito Santo ó UFES. ES, Brasil. juremajoliveira@hotmail.com

A união de elementos díspares, procedentes de culturas heterogêneas, configura uma nova realidade histórica, que subverte os padrões convencionais da racionalidade ocidental. Essa expressão, associada amiúde ao realismo mágico pela crítica hispano-americana, foi cunhada pelo escritor cubano para designar, não as fantasias ou invenções do narrador, mas o conjunto de objetos e eventos reais que singularizam a América no contexto ocidental. No texto mencionado, Carpentier visou resgatar o significado básico de acontecimento histórico do continente (CHIAMPI, 2008, p. 32).

Alejo Carpentier coloca o leitor diante de experiências inusitadas, em contato com um cotidiano mágico maravilhoso repleto de elementos que reforçam a ideia de que a realidade é uma categoria incerta, uma entidade indecifrável para a qual não existem visões, explicações unívocas (ROAS, 2012, p. 117). *Mãe, materno mar* (2001), de Boaventura Cardoso, por sua vez explora situações inesperadas num cenário propício. A história se desenrola num comboio (trem) avariado que conduz os membros de uma cerimônia de casamento. Esse comboio torna-se palco de brigas, mortes e disputas religiosas.

O estilo maravilhoso de que fala Carpentier no prefácio do livro *O reino deste mundo* (CARPENTIER, 2009, p. 10) não é privilégio das Américas, mas uma herança de uma África que imprimiu suas marcas e traços históricos numa diáspora que se descobre herdeira de uma cosmogonia ainda em construção. As ações ditas insólitas, inabituais, têm um arcabouço fundado por um enredo cosmogônico que se desenvolve por meio de uma elaborada estrutura simbólica como aquela percebida nas longas festas do Komba, ritual de passagem de um ente querido em Angola. O funeral representa uma festa que tradicionalmente faz parte do cotidiano das tribos. Elas vivem ao ritmo de tais cerimônias, como vivem também ao ritmo das mudanças climáticas e das atividades agrícolas.

Carpentier desconstrói um argumento paradigmático eurocêntrico que diferencia europeu de não europeu. Como bem define Mignolo, ão não havia índios no continente americano até a chegada dos espanhóis, e não havia negros até o começo do comércio massivo de escravos no atlântico (MIGNOLO, 2008, p. 289). A obra *O reino deste mundo* nos apresenta uma forma diferente de olhar a realidade e põe por terra a ideia de que há seres superiores e naturalmente inferiores. Numa junção de fatos reais e ficcionais, num cenário díspar encontra-se Mackandal, personagem fictício e histórico, mentor da primeira rebelião de escravos e inspiração para a futura revolução que culminara na independência da mais importante colônia francesa, hoje República do Haiti:

Inútil para trabalhos maiores, Mackandal foi destinado a guardar o gado. (...) Mas agora Mackandal se interessava mais pelos cogumelos. Cogumelos que cheiravam a caruncho, a redoma, a porão, a doença, alongando orelhas, línguas de vaca, carnosidades rugosas, cobriam-se de exsudações ou abriam seus guarda-sóis listados em vãos frios, moradas de sapos que olhavam ou dormiam sem piscar. O mandinga desfazia a polpa de um cogumelo entre seus dedos, alcançando-lhe o nariz um odor de veneno. Depois, fazia uma vaca farejar sua mão. Quando o animal afastava a cabeça com olhos assustados, respirando fundo, Mackandal buscava mais cogumelos da mesma espécie, guardando-os em uma bolsa de couro cru que trazia pendurada no pescoço (CARPENTIER, 2009, pp. 23-24).

Ti Noel, fiel seguidor de Mackandal, torna-se o portador das mensagens de Mackandal que todos acreditavam ser um ser sobrenatural, pois se transformava, ou melhor, metamorfoseava-se em diferentes tipos de animais:

Dotado do poder de transformar-se em animal de cascos, em ave, peixe ou inseto, Mackandal visitava continuamente as fazendas da planície para vigiar seus fiéis e saber se ainda confiavam em sua volta. De metamorfose em metamorfose, o maneta estava em toda parte, tendo recuperado sua integridade corpórea ao vestir trajes de animais. Com asas em um dia, com guelra no outro, galopando ou rastejando, apoderara-se do curso dos rios subterrâneos, das cavernas da costa,

das copas das árvores e já sobre a ilha inteira. Agora, seus poderes eram ilimitados. Tanto podia cobrir uma égua quanto descansar no frescor de uma cisterna, pousar nos ramos leves de uma acácia ou entrar pelo buraco de uma fechadura (CARPENTIER, 2009, p. 36).

Essa mobilidade insólita vivenciada pelo personagem reforça a tese de que:

O real maravilhoso se encontra a cada passo nas vidas de homens que inscreveram datas na história do Continente e deixaram nomes ainda lembrados: dos buscadores da Fonte da Eterna Juventude, da áurea cidade de Manoa, até certos rebeldes da primeira hora ou certos heróis modernos de nossas guerras de independência de tão mitológica diretriz como a coronela Juana de Azurduy (CARPENTIER, 2009, p. 10).

O discurso real maravilhoso explica uma série de acontecimentos de *O reino deste mundo*, como as sucessivas mortes:

O veneno se espalhava pela planície do norte, invadindo os poteiros e os estábulos. Não se sabia como avançava entre as gramas e alfafas, como se introduzia nos fardos de ferrugem, como chegava aos pesebres. O fato era que as vacas, os bois, os novilhos, os cavalos, as ovelhas, morriam às centenas, cobrindo a comarca inteira de um interminável fedor de carniça. (...) Logo, se soube com espanto, que o veneno havia entrado nas casas. Uma tarde, ao lanchar uma rosca, o dono da fazenda de Coq-Chante caíra, subitamente, sem doenças prévias, carregando consigo um relógio de parede ao qual estava dando corda. Antes que a notícia fosse levada às fazendas vizinhas, outros proprietários haviam sido fulminados pelo veneno que espreitava, como que escondido para saltar melhor, nos vasos dos veladores, nas panelas de sopa, nos frascos de remédios, no pão, no vinho, na fruta e no sal (CARPENTIER, 2009, pp. 31-32).

Na obra de cunho real maravilhoso tudo é possível e tudo é permitido:

Os elementos sobrenaturais não provocam qualquer reação particular nem nas personagens, nem no leitor implícito. Não é uma atitude para com os acontecimentos narrados que caracteriza o maravilhoso, mas a própria natureza desses acontecimentos (TODOROV, 2008, pp. 59-60).

O leitor não se sente impelido a decifrar os fatos, não cogita se são ou não verossímeis, mas os aceita como componentes da ficção, como elementos de construção do relato. O real maravilhoso é uma forma discursiva que possibilita ao sobrenatural e ao fantástico uma convivência com o real, dentro dos limites da ficção.

A categoria do real maravilhoso criado por Carpentier pode ser usada também em análise de obras de autores africanos. Dessa forma, o conceito de realismo maravilhoso torna-se mais elástico e se converte numa poética na qual o extraordinário, o insólito, o sobrenatural e os fatos mágicos são seus componentes mais evidentes:

A definição lexical de maravilhoso facilita a conceituação do realismo maravilhoso, baseada na não contradição com o natural. Maravilhoso é o extraordinário, o insólito, o que escapa ao curso ordinário das coisas e do humano. Maravilhoso é o que contém a *miravilha*, do latim *mirabilia*, ou seja, coisas admiráveis (belas ou execráveis, boas ou horríveis), contrapostas às *naturalia*. Em *mirabilia* está presente o mirar; olhar com intensidade, ver com atenção ou ainda, *ver através*. O verbo *mirare* se encontra também na etimologia de milagre ó portentoso contra a ordem natural e de miragem ó efeito óptico, engano dos sentidos. O maravilhoso recobre, nesta acepção, uma diferença não qualitativa, mas quantitativa com o humano; é um grau exagerado ou inabitual do humano, uma dimensão de beleza, de força ou riqueza, em suma, de perfeição, que pode ser *mirada* pelos homens. Assim, o maravilhoso preserva algo do humano, em sua essência. A extraordinariedade se constitui da frequência ou densidade com que os fatos ou os objetos exorbitam as leis físicas e as normas humanas (CHIAMPI, 2008, p. 48).

Em *Mãe, materno mar*, as situações fundamentadas no real maravilhoso são variadas. Desde o enterro de um passageiro do comboio até as práticas sociais diárias. Detecta-se nessa obra o que escapa ao curso ordinário das coisas e do humano.

Assim, diariamente se via ao lado de gente a vender ou a fazer compras, crentes de pé ou ajoelhados a escutarem as santas palavras à mistura com pregões de ambulantes vendedores. Ih! Outros crentes se afastavam para longe, em pequenos grupos, iam nos matos, se pintavam de vermelho, dançavam e transeavam, imprecavam e rezavam, sacrificavam galinhas, patos, cabritos, nunca porcos, isso

nunca!, na presença veneranda de mikuyus, ndokis, basimbis, mintadis, mikisis e de outros espíritos e mágicas estatuetas, os secretos rituais, Ih! (CARDOSO, 2001, pp. 66-67).

De acordo com Roas, o fantástico provoca no leitor uma impressão ameaçadora, pois o inusitado, o inexplicável foge à razão. Em *Mãe, materno mar*, na primeira parte do romance, o pastor da igreja de Jesus Cristo Negro resolve provar aos seus fiéis que é capaz de fazer chover. O pastor com a ajuda de um homem chega ao cemitério perdido:

Quando que chegaram no cemitério o guia se enfiou numa cova sob o olhar atônito do pastor. A noite era ainda cerrada e o silêncio absoluto tornava misterioso aquele local de pazalma. Que ele depois escutou perto o trilo de um noitibó-sardento, kiu...kiu...kiu..., e se assustou. Se abeirou da cova para ver se via o guia, e nada. O homem dos calções não estava a aparecer. Ih!, kiu...kiu..., que ele ouviu trilar outra vez. Mamæ! Descontrolado, o pastor se mijou e, sem fôlego, chamou pelo guia mas não obteve resposta. E o trilo continuava a trilar. Passados alguns momentos o homem reapareceu, todo cheio de areia, com três crânios. Tinha os olhos vermelhos, parecia que tinha andado a fumar diamba, voz rouca dele era a de um homem despertado dos fundos da Terra. Depois o homem obrigou o pastor a acompanhá-lo até um riacho que passava perto do cemitério para lavarem os crânios e pedirem aos seus antepassados donos que a chuva chovesse.(...) O guia tossiu e os crânios estavam outra vez a tossir. Sukuama! E os três crânios e o homem dos calções continuaram a tossir, a tossir, tossir cada vez mais forte. O pastor perante o facto tão extraordinário não resistiu e caiu desmaiado (CARDOSO, 2001, pp. 77-78).

A experiência inexplicável vivenciada pelo personagem desfaz toda e qualquer possibilidade de o pastor provar que o Jesus Cristo Negro faria uma grande revelação para aquela comunidade. Uma série de fatos estranhos desconstrói o projeto do pastor.

De acordo com Todorov

O estranho realiza, como se vê, uma só das condições do fantástico: a descrição de certas reações, em particular do medo; está ligado unicamente aos sentimentos das personagens e não a um acontecimento material que desafie a razão (TODOROV, 2008, p. 52).

O estranhamento causado pela situação ocorrida no cemitério deixa o pastor vulnerável e vítima de uma armadilha planejada pelo guia:

O guia aproveitou então para despojar o pastor de todos os seus haveres. Quando o líder religioso despertou já o Sol raiava. E assim na figura de Adão chegou a Cacuso depois de uma longa caminhada, onde foi recebido com os muitos folguedos risos. Tarde, embora, o pastor percebeu que o Sol e a Lua não brilham ao mesmo tempo (CARDOSO, 2001, p. 78).

O cemitério é um cenário bastante explorado em *Mãe, materno mar*, já que, na impossibilidade de seguirem viagem, os passageiros fazem do comboio sua casa. Uma casa repleta de conflitos, ou melhor, uma alegoria do país. Cabe ressaltar que Angola experimentou um longo período de guerra civil, terminada oficialmente em 2002 com a morte de Savimbi, líder da Unita. O comboio simboliza um estado-nação repleto de situações insólitas. Sendo assim, após uma noite de brigas envolvendo os membros do comboio, verifica-se o saldo final:

De manhã se fez então o apurado balanço: quatro mortos, dos quais dois eram operários e dois passageiros, e pelo menos três dezenas de feridos. Hela! E os ânimos voltaram a reacender. Que os familiares dos passageiros mortos queriam vingança, esfolar os operários, ih! Enquanto estes queriam apanhar vivo ou morto quem que tinha tirado a vida aos seus dois companheiros. Por isso a agitação começou logo pela manhã mal o Sol tinha acabado de nascer. Choros pelos mortos e gritos de vingança ecoaram ainda no entremanejar dos pássaros (CARDOSO, 2001, p. 49).

Após o conflito fatal, os passageiros precisam decidir o destino de seus mortos. Entre os passageiros havia pessoas ligadas a diversas igrejas. Com um discurso irônico o narrador nos apresenta a situação dos funerais:

Assim, apagadas ou adormecidas as fúrias raivosas, viajantes e operários começaram a organizar os funerais dos quatro mortos. Questão que parecia pacífica estava a se complicar. Um dos mortos pertencia à Igreja do Bom Pastor, cujo pastor não se dava com o da

Igreja de Jesus Cristo Negro, a que pertencia o segundo morto. Questões de família, tinham se zangado por desavenças na partilha de heranças. Outro defunto era da Igreja do Profeta Simon Ntangu António, originária de uma região fronteiriça de donde nascera a Igreja de Jesus Cristo Salvador de Angola. Eram duas religiões em que durante anos nunca tinham tido nenhum problema, a paz era sossegada até ao dia em que se começou a falar que nos terrenos vizinhos tinha petróleo. Ih! Que aí então é que começaram as azedas conversas, os aziagos ares. Para além dessas quatro igrejas, tinha também gente que representava outras pequenas confissões religiosas como a Igreja do Bom Repouso, a Igreja dos Sete Apóstolos, a Igreja do Bonfim, a Assembleia da Salvação, a Igreja da Paz nos Corações e outras mais pequenas ainda cujo número de fiéis não ultrapassava dez (CARDOSO, 2001, p. 51).

O conjunto de fatos encenados nessa obra mostra o descompasso da filosofia tradicional religiosa e fúnebre em Angola. A experiência colonial mutila e gera um desequilíbrio nas comunidades africanas e das Américas:

Desta forma, se no mundo moderno/colonial, a filosofia fez parte da formação e da transformação da história europeia desde o Renascimento europeu por sua população indígena descrita como os cristãos ocidentais, tal conceito de filosofia (e teologia) foi a arma que mutilou e silenciou raciocínios similares da África e da população indígena do Novo Mundo (MIGNOLO, 2008, p. 298).

Por outro lado, os sincretismos culturais que se acentuaram no pós-independência permitem ao escritor angolano produzir narrativas que valorizem a segunda aceção conceituada pelo realismo maravilhoso e que difere completamente das ações humanas, pois òé tudo o que é produzido pela intervenção dos seres sobrenaturaisö (CHIAMPI, 2008, p. 48). Sendo assim, o cenário dos enterros em um primeiro momento parece cumprir um ritual próximo às práticas locais:

_ E no principio era a Terra. Da Terra viemos e um dia a ela voltaremos. É esta a lei da vida de todos os seres humanos. (...) Mas este regresso à Terra, embora nos pareça definitivo e irreversível, é um regresso fecundante, activo, pois os corpos desses nossos quatro irmãos quando forem depositados lá em baixo, hão-de fecundar esta Terra que pisamos. E então a Terra terá mais vida, ela será sempre renovada e rejuvenescida. Na prática, este princípio vital e sagrado

significará que os exemplos de honestidade, de verticalidade, de integridade moral desses nossos quatro irmãos serão seguidos por todos nós que aqui vivemos ou que estamos em trânsito para outras paragens, não importam as diferenças étnicas, religiosas ou culturais que nos possam separar (CARDOSO, 2001, p. 60).

No entanto, após o enterro, o povo presencia experiências sobrenaturais, pois no calor de tão profunda e sentida dor, se ouviu um estranho barulho que vinha do fundo das quatro covas, Eé!Eé!Eé! As pessoas se precipitaram logo, começaram a fugir, tatø! aiué! Manecas foi dos primeiros a saltar o muro rústico do cemitério, pai da noiva pisou em terreno falso e resvalou parando dentro de uma cova! Ngafu é! Chefe da Estação tinha o corpo todo arranhado por ter caído numa trepadeira espinhosa(...) Em pouco tempo o cemitério ficara quase deserto. (...) Entretanto, o estranho barulho continuava a fazer-se ouvir, enquanto o pai da noiva, dentro da cova, esbracejava e prometia uma boa nota a quem lhe tirasse daquele buraco (...)Ti Lucas e o rapazito não tinham fugido do cemitério. (...) o ceguinho, impávido e sereno se agachou e com a mão direita fez no chão uma cruz, e então a Terra se sossegou repousada (CARDOSO, 2001, p. 62).

As obras aqui estudadas apresentam uma proposta literária que situa de forma distinta as práticas do realismo maravilhoso e/ou fantástico em momentos literários distintos, mas com uma base discursiva semelhante. Em *O reino deste mundo* depreendemos um mundo que valoriza um passado desprezado e desvalorizado pelo discurso colonial europeu. Do ponto de vista eurocêntrico, as culturas do chamado Novo Mundo eram primitivas. O primitivismo local funda um projeto literário que será explorado por Jorge Luís Borges, Lezema Lima, Carpentier e outros.

A mesma visão eurocêntrica que desqualificou a América também definiu a África como um continente sem história. A retórica moderna da missão civilizatória cristã desde o século XVI até os nossos dias prega o desenvolvimento, a modernização e a exploração do trabalho em busca do chamado bem-estar. A lógica da colonialidade estabelece novas formas de controle e exploração do setor em desenvolvimento, periférico ou semi-periférico. Cabe ressaltar, no entanto, que nessas culturas

encontraram-se escritores que inovam ao se dedicarem à revitalização de narrativas de base de tradição oral como *Mãe, materno mar*, de Boaventura Cardoso.

O conceito cunhado por Alejo Carpentier, *óreal maravilhoso*, numa leitura ampliada foi utilizado neste estudo para apontar um diálogo entre uma narrativa oriunda de um Haiti colonizado em vias de tornar-se independente e uma Angola pós-independente que vivencia os conflitos culturais estabelecidos pelo discurso da colonialidade. Em ambas as obras, o aspecto literário e o histórico fundamentam a estética e vislumbram uma imagem que presentifica traços locais, demonstrando a convivência do pensamento mágico, representado pela fé absoluta no negro Mackandal, com um pensamento racional que perpassa toda a obra, já que o processo revolucionário do Haiti estava em curso. Por outro lado, Boaventura Cardoso, usando um discurso metafórico e alegórico, leva às últimas consequências as práticas religiosas, místicas e denuncia o descompasso de uma Angola em crise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARPENTIER, Alejo. *O reino deste mundo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CARDOSO, Boaventura. *Mãe, materno mar*. Luanda: Caxinde, 2001.

CHIAMPI, Irlemar. *O realismo maravilhoso*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. In: *Cadernos de Letras da UFF*, nº 34, Niterói, RJ, 2008.

ROAS, David. In: VOLOBUEF, Karin, (Org.); WIMMER, Norma, (Org.); ALVAREZ, Roxana G. H.(Org.). *Vertentes do fantástico na literatura*. São Paulo: AnnaBlume, FAPESP; UNESP Pró-Reitoria de Pós-Graduação, 2012.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

Recebido em 14 de agosto de 2013.

Aprovado em 15 de setembro de 2013.